

Nunes, Naidea Nunes, 2018, “O Curso Intensivo de Verão para Lusodescendentes: ‘Língua Portuguesa, Literatura e Cultura Madeirenses’ no Contexto de Mobilidade da Venezuela. The Intensive Summer Course for Portuguese Descendants Returning from Venezuela: ‘Portuguese Language, Literature and Culture of Madeira’”, *FORMAÇÃO E INCLUSÃO – EDUCAÇÃO DE ADULTOS E EXPERIÊNCIAS PARA A EMPREGABILIDADE. Actas da Conferência Internacional*, Glória Bastos, Rosa Sequeira e Javier Fombona (Orgs.), 185-191. ISBN 978-972-674-833-5.

## **O Curso Intensivo de Verão para Lusodescendentes: “Língua Portuguesa, Literatura e Cultura Madeirenses” no Contexto de Mobilidade da Venezuela**

Naidea Nunes Nunes

Universidade da Madeira/UMa-CIERL

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

[naidean@staff.uma.pt](mailto:naidean@staff.uma.pt)

### **Resumo**

O curso intensivo de verão para lusodescendentes, criado em 2013, pela Universidade da Madeira, em parceria com o Centro das Comunidades Madeirenses e Migrações (CCMM) do Governo Regional da Madeira, é uma formação em contexto intercultural, que visa acolher várias gerações de migrantes madeirenses de diferentes partes do mundo. Nos últimos dois anos, é frequentado, quase na totalidade, por luso-venezuelanos em contexto de mobilidade, que procuram a sua integração sociocultural e laboral na Região Autónoma da Madeira (RAM). São indivíduos vulneráveis que fogem da atual crise política da Venezuela, com graves consequências socioeconómicas e humanitárias. Além das aulas de Língua Portuguesa (LP), com destaque para o desenvolvimento das competências de comunicação oral, através do Português em (inter)ação, os estudantes têm a oportunidade de realizar várias atividades socioculturais e trabalho de campo em instituições governamentais, museus, bibliotecas, associações culturais e em empresas regionais, conhecendo a realidade madeirense, como forma de inserção socioeconómica na RAM.

**Palavras-chave** – Língua Portuguesa, Migrantes Luso-venezuelanos, Educação Intercultural, Linguística Sociocultural, Região Autónoma da Madeira.

### **Abstract**

The intensive summer course for Portuguese-descendants, created in 2013, by the University of Madeira, in partnership with the Centre of Madeiran Communities and Migration (CCMM) from the Regional Government of Madeira, is an intercultural formation that aims to receive several generations

of Madeiran migrants from different parts of the world. In the last two years, it has been attended almost entirely by Luso-Venezuelans in the context of mobility, who seek their sociocultural and labour integration in the Autonomous Region of Madeira. They are vulnerable individuals who are fleeing the current political crisis in Venezuela, whose humanitarian consequences are manifested at the socioeconomic level. In addition to the Portuguese language classes, with emphasis on oral communication skills, through Portuguese in (inter) action, students can undertake sociocultural visits and develop fieldwork in government institutions, museums, libraries, cultural associations and in regional companies, knowing the Madeiran reality as a way of socioeconomic insertion in the Region.

**Keywords** – Portuguese Language, Luso-Venezuelan Migrants, Intercultural Education, Sociocultural Linguistics, Autonomous Region of Madeira.

## 1. Introdução

O Curso Intensivo de Verão para Lusodescendentes, denominado “Língua Portuguesa, Literatura e Cultura Madeirenses”, da Faculdade de Artes e Humanidades (FAH) da Universidade da Madeira (UMa), promove o encontro intercultural num contexto de consciência de pertença comum à língua e à cultura portuguesa e madeirense em particular. A dimensão intercultural do curso advém do facto de a mobilidade implicar o contacto de línguas e culturas, conduzindo à diversidade linguística e cultural. Como escreve Rocha-Trindade (2015), ocorre uma miscigenação ou interpenetração cultural, preservando-se algumas tradições ou memórias ancestrais como traços identitários de origem. Deste modo, a realidade migratória contribui para a recriação ou reconstrução de identidades com características híbridas ou de dupla pertença. No caso da migração para a Venezuela, há luso-venezuelanos que se identificam mais como venezuelanos do que portugueses, outros mais como portugueses do que venezuelanos e outros sentem-se divididos em partes iguais.

Sobre as questões linguísticas relacionadas com a migração, Rocha-Trindade (2015: 173) diz-nos que, na maior parte destes contextos, o Português é utilizado apenas por minorias de ascendência portuguesa, havendo casos em que “desapareceu como língua-viva, mantendo embora traços vestigiais no contexto cultural local”. Isto acontece porque uma das características da diáspora portuguesa, como informa a autora (2015: 245), é a capacidade de integração em diferentes contextos socioculturais, aprendendo a língua local e adotando as práticas do quotidiano, assim como a miscigenação através de casamentos com locais, sendo que a segunda geração se sente completamente integrada. Regista que o emigrante adulto da primeira geração raramente perde o conhecimento da língua materna, mesmo que perca alguma fluência e haja contaminação de vocabulário e de pronúncia da língua do país de acolhimento. A aquisição da língua local faz-se principalmente através da comunicação oral do quotidiano em contexto laboral. Relativamente aos descendentes, há tendência para a adoção da língua local como primeira língua, quando nascidos ou residentes

no país de acolhimento desde a escolarização. Os vários graus de conhecimento e utilização da língua materna dos pais dependem da imposição desta como “língua de comunicação única no quadro familiar” (2015: 177), mas também nos espaços de convívio comunitário, frequência de ensino formal na língua de origem e ainda de estadas no país natal dos pais. Sobre as gerações seguintes, refere que “os casos de procura de ligação à língua da herança cultural” são pontuais, “no entanto, a sua probabilidade de ocorrência aumenta com a antiguidade de implantação dessa comunidade e descendentes por ter ganho carácter «histórico»”, não tendo valor utilitário mas sim de prestígio ou afetivo (2015: 177). Esta era a realidade da migração madeirense na Venezuela, mas, atualmente, a LP e a pertença madeirense são de grande utilidade para os que regressam.

A Venezuela foi um destino de grande emigração madeirense, oferecendo excelentes oportunidades para melhorar as condições de vida dos migrantes. Entretanto, a situação económica e social mudou radicalmente, nos últimos anos, conduzindo ao regresso de muitos migrantes e seus descendentes. O regresso atual da Venezuela é um caso excecional que se deve à crise política, social e económica grave do país, uma vez que os anteriores regressos ocorriam quando havia grande sucesso financeiro e a decisão voluntária e premeditada de voltar. Nos casos atuais, também houve sucesso e integração sociocultural e mesmo identificação com o país de acolhimento, mas tiveram de deixar tudo e partir. Podemos comparar esta situação de regresso ao “retorno” das antigas colónias portuguesas? Neste caso, a língua e a cultura dos que regressam é outra, o que dificulta a sua integração na sociedade madeirense e portuguesa em geral. Mesmo para os migrantes de primeira geração, que fizeram toda a sua vida lá e não têm nada cá, voltar e encontrar o seu lugar é muito difícil, sobretudo ter meios de subsistência.

## **2. O Curso de Língua Portuguesa, Literatura e Cultura Madeirenses e a Educação Intercultural**

O Curso Intensivo de Verão para Lusodescendentes (CIVL) resulta de uma parceria com o Governo Regional, através do Centro das Comunidades Madeirenses e Migrações (CCMM), neste momento sob a tutela da Secretaria Regional da Educação (SRE). Este pretende ser uma oferta formativa que se destina, como o próprio nome indica, a lusodescendentes, filhos de madeirenses emigrados de segunda ou terceira gerações, que queiram aprender ou aperfeiçoar os seus conhecimentos de LP, (re)descobrir a cultura madeirense, nomeadamente os museus, a literatura, as tradições e algumas empresas, promovendo a sua integração sociocultural e económica. O documento que rege o Curso de Língua Portuguesa, Literatura e Cultura Madeirenses, que vai na sua VI edição e que tem lugar durante o mês de julho, foi celebrado entre a UMa e a SRE, no âmbito da Promoção e Ensino da LP, e vem na sequência do Protocolo de Colaboração com a Secretaria Regional

dos Assuntos Parlamentares e Europeus, datado de 27 de janeiro de 2016, que substitui o anterior Protocolo de Cooperação com a Secretaria Regional da Cultura, Turismo e Transportes, datado de 26 de junho de 2013. Os dois documentos foram alvo, respetivamente, de um protocolo adicional n.º 1, com o objetivo específico de estabelecer as formas de cooperação entre as entidades signatárias.

Como o objetivo do curso é acolher e integrar os lusodescendentes de visita à região ou de regresso definitivo, no caso atual dos luso-venezuelanos, os inscritos têm diferentes níveis de proficiência linguística. Apesar de serem grupos heterogéneos, de diferentes faixas etárias e níveis de proficiência linguística, não é possível optar pelo método de ensino diferenciado como seria desejado, uma vez que há apenas um docente e o curso tem apenas a duração de um mês. Constam do programa do curso, com 100 horas de contacto efetivo, aulas teórico-práticas de **Português Língua Não Materna**, em que a metodologia de ensino/aprendizagem consiste sobretudo em exercícios gramaticais, usando textos da literatura, história e cultura locais. No que se refere à unidade curricular **Oficina de Língua: Português em (inter)ação**, trata-se de aulas práticas em que se incentivam conversas formais e informais, interagindo de acordo com as convenções sociais, para desenvolverem competências pragmáticas de uso da LP em situações do quotidiano e a preparação para uma entrevista de trabalho, com as questões mais prováveis e as atitudes adequadas, correspondendo às motivações, interesses e necessidades dos alunos. Anteriormente, até à edição do curso de 2017, existiram **Seminários de Língua Portuguesa, Literatura e Cultura Madeirenses**. Como estes eram sobretudo teóricos, os formandos solicitaram que fossem substituídos por aulas práticas, sobretudo para trabalhar a comunicação oral. Daí ter surgido a **Oficina de Língua: Português em Inter(ação)**, dando particular enfoque às questões de acomodação linguística e sociocultural, ou seja, à interação linguística em diferentes situações de comunicação.

O curso promove relações sociais que desempenham um papel fundamental na garantia de oportunidades dos migrantes e pessoas deslocadas participarem de novas redes de conhecimento mútuo e de reconhecimento e valorização da sua própria cultura e identidade, maximizando as suas potencialidades interculturais em benefício dos seus próprios projetos. O contacto com a população local é importante para dar a conhecer a língua e a cultura venezuelanas, favorecendo o conhecimento e, conseqüentemente, maior e melhor aceitação destas por parte da sociedade madeirense. Se, nas escolas da RAM, o Espanhol fosse uma opção de aprendizagem como língua estrangeira, o que só acontece na escola católica da APEL, no Funchal, no 10º ano, a fala destes migrantes venezuelanos, apelidados de forma depreciativa de “miras”, provavelmente seria menos estigmatizada. Como a educação é indissociável do desenvolvimento sociocultural e económico, o curso inclui várias atividades interculturais e multidisciplinares, em associações recreativas, núcleos

museológicos e empresas, como meio de promover a integração dos participantes na busca direta e ativa de emprego, práticas necessárias para promover uma maior inclusão e equidade. Como a aprendizagem do Português pelos lusodescendentes e venezuelanos ou colombianos, casados com aqueles, que perderam ou nunca tiveram contacto com a língua, é feita no ambiente de imersão linguística e sociocultural madeirense, embora apresentando dificuldades de comunicação iniciais, há a vantagem de convívio com a população local e com outros lusodescendentes de diferentes países de acolhimento, tendo o Português como língua de herança (LH) comum. Neste caso, a educação intercultural apresenta duas vertentes: entre os lusodescendentes e com a sociedade e cultura madeirenses.

A Língua é um instrumento de cidadania transversal a todas as áreas da sociedade, sendo indissociável da cultura. Como os luso-venezuelanos que chegam à região nasceram e cresceram noutra língua e cultura, apesar de muitos terem cidadania portuguesa, alguns não falam Português (nem sempre houve manutenção da língua, muitos pais deixaram de transmitir a sua língua aos filhos, perante as maiores possibilidades socioeconómicas do país de acolhimento) e enquanto aprendentes partem da língua e da cultura venezuelanas para a portuguesa e madeirense. Por isso, a educação intercultural é fundamental na integração linguística e sociocultural destes indivíduos na RAM. Posto isto, o curso insere-se no âmbito da educação intercultural, cada vez mais importante no ensino/aprendizagem de uma língua, na medida em que visa proporcionar o conhecimento mútuo das características socioculturais do grupo em contacto direto com a realidade madeirense, tendo como objetivo, sobretudo no caso dos luso-venezuelanos, a sua integração e cidadania. Há uma relação direta entre migração, educação e integração, sendo que a questão da mobilidade ou deslocação geográfica é inseparável da questão social e económica. No caso da Venezuela, a maior parte destes migrantes perdem o seu estatuto social e as profissões qualificadas lá e passam a ter trabalhos não qualificados cá, mas as suas competências interculturais são uma mais-valia para o sucesso pessoal e profissional.

Enquanto curso de língua, o CIVL segue o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (2001), onde a competência comunicativa integra três componentes: a linguística, a sociolinguística e a pragmática. A componente linguística diz respeito aos conhecimentos da língua, a sociolinguística corresponde ao uso sociocultural da língua (incluindo as convenções sociais como parte importante da comunicação) e a pragmática implica o uso adequado dos atos de fala, domínio do discurso, coesão e coerência, bem como diferenciação de registos. Ou seja, as competências gramaticais e comunicativas-discursivas são complementares na proficiência linguística. Valorizamos as competências e atitudes baseadas no conhecimento intercultural, isto é, o desenvolvimento explícito de consciência e de competências comunicativas interculturais, plurilingues e multiculturais (competências de

comunicação em várias línguas e experiências em culturas diversificadas), dos lusodescendentes.

### 3. Os participantes no curso

Como podemos ver, nas tabelas abaixo, houve um crescendo na frequência do curso, desde a sua primeira edição em julho de 2013 até à edição de 2017. Neste ano, houve uma grande procura do curso com o regresso de muitos luso-venezuelanos, sendo a Venezuela o local de maior proveniência dos lusodescendentes. Relativamente aos níveis de proficiência, começámos por ter sobretudo o nível elementar, predominando, depois, com os luso-venezuelanos, os que apresentam nível intermédio. No que se refere a terem ou não familiares na RAM, grande parte tem familiares e são poucos os que não sabem e vêm tentar descobrir. Quanto às idades dos formandos, a maior parte situa-se entre os 20 e os 39 anos, com uma média de idades de 37,9 anos em 2017.

Tabela 1 - Caraterização sociolinguística dos alunos quanto à sua proveniência por anos

<b>Proveniência</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
<b>Venezuela</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>18</b>
Trindade e Tobago		3	3		
Jersey		2			
Brasil	3	2	2	1	1
São Vicente e Granadinas			1		
Canada	5				
USA				1	
Austrália				3	
Bélgica				1	
Antígua e Barbados				1	
Colômbia					1
<b>Totais</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>15</b>	<b>17</b>	<b>20</b>

Tabela 2 - Caraterização sociolinguística dos alunos quanto aos níveis de proficiência

<b>Níveis de proficiência</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
Elementar	8	7	2	5	3
<b>Intermédio</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>15</b>
Avançado	3	3	3	1	2

<b>Totais</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>15</b>	<b>17</b>	<b>20</b>
---------------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

Tabela 3 - Caracterização sociolinguística dos alunos com familiares na RAM

<b>Com familiares na RAM</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
<b>Sim</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>8</b>	<b>14</b>	<b>20</b>
Não	3	2	4	3	
Não sabe ou não responde		1	3		
<b>Totais</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>15</b>	<b>17</b>	<b>20</b>

Tabela 4 - Caracterização sociolinguística dos alunos por idade

<b>Idades</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
Entre 16 e 19	1	2	2	2	2
<b>Entre 20 a 29</b>	<b>9</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>8</b>	<b>5</b>
<b>Entre 30 a 39</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
Entre 40 a 49	1	-	3	-	5
Entre 50 a 59		3	-	2	3
60 ou mais			1	1	1
<b>Média</b>	<b>26</b>	<b>32</b>	<b>32</b>	<b>31</b>	<b>37,9</b>

A maior parte destes participantes já tem formação superior concluída ou interrompida em universidades venezuelanas. Outros são sobretudo mães que vêm com os filhos, crianças, adolescentes ou jovens em idade de ingressarem na universidade. Trata-se, pois, de uma terceira geração que já tem acesso ao ensino superior no país de acolhimento e, por ter feito a escolarização lá, tem uma identidade mista venezuelana e portuguesa. Compreende-se que não necessitem de formação básica ou profissional, mas sim de conhecer a realidade sociolinguística e cultural madeirense, visando a empregabilidade.

#### 4. Português Língua Materna, Língua Não Materna e Língua de Herança

A LP é um lugar de encontro intercultural porque os migrantes são portadores de mais do que uma língua. A LP pode ser Língua Materna (LM) ou Língua Não Materna (LNM). A LM será aquela em que o indivíduo apresenta maior proficiência linguística, estando associada à construção da sua identidade. No entanto, pode ser substituída por outra ao longo da vida. No caso dos migrantes, na maior parte das vezes, são dois sistemas linguísticos que entram

na construção da sua identidade. Logo, os lusodescendentes apresentam um conjunto de potencialidades linguístico-comunicativas, na língua do país de acolhimento e na LP.

Ferreira (2016) chama a atenção para o facto de o Português, no contexto de LH, apesar de ser a primeira língua adquirida ao longo do desenvolvimento da criança e mesmo quando falada no meio familiar, se tornar a língua minoritária, face à língua do país de acolhimento. Assim, o domínio do Português em situações de bilinguismo depende das “formas de contacto, do grau de proximidade e relação com a LP, do grau de motivação do falante para conservar a língua e também da frequência de ensino formal” (2016: 25). Estes falantes bilingues de segunda e terceira geração, segundo Flores (2011), são falantes de herança (FH). Como explica Ferreira (2016: 26), “as crianças, à medida que aumenta a exposição à língua maioritária, perdem competências na LH”. Por isso, os luso-venezuelanos, obrigados a abandonar o seu país de acolhimento e a regressar à Madeira, têm uma necessidade premente e imediata de aprendizagem da LP.

Ventura (no prelo) explica que são milhares a voltar para a Madeira, sendo um problema a integração laboral dos adultos. Sistematiza alguns dados para reflexão: “Em 2011, antes do colapso humanitário da Venezuela, havia na Madeira mais do que 25.000 luso-venezuelanos (...) que incluem tanto as pessoas que nasceram na Venezuela (7.387), como os emigrantes retornados (18.539) (...) 29% dos inquiridos admitiam que não conseguiam fazer-se perceber perante os nativos portugueses”. Indica que as dificuldades são evidentes, desfazendo os falsos mitos que estigmatizam os luso-venezuelanos na aprendizagem do Português: que a culpa é dos pais, que não falam Português em casa e que falam mal Português porque não se esforçam. Explicita que a aprendizagem da LP pelos hispano-falantes não é fácil, pois o sistema fonológico do Espanhol é mais simples, tendo menos fonemas e, além disso, apresenta uma maior equivalência dos sons com os grafemas. Como é difícil mudar de língua e aprender o Português, muitos partem para Espanha, onde a língua é a mesma e têm mais oportunidades de trabalho.

## **5. Conclusão**

A LP é uma herança que, com a situação atual na Venezuela, se tornou uma língua de pertença cultural europeia com grande utilidade. Apesar de o Português ser LH, os luso-venezuelanos apresentam muitas dificuldades na sua aprendizagem, sobretudo pelo facto de na sua língua materna, o Espanhol, não existirem alguns sons do sistema linguístico português, o que torna difícil distinguir e articular certas vogais e consoantes. Posto isto, a oferta formativa do CIVL tem grande importância no ensino do Português Língua Não Materna aos jovens e adultos migrantes e seus familiares diretos que procuram aprender e/ou aprofundar os conhecimentos da língua que herdaram dos seus antepassados. O curso denota, assim, características de política de língua que comporta a valorização do



Português como “**língua de unificação**, que não deve separar, mas antes unir e aproximar” (Calvet, 2002: 201).

## 6. Referências

Calvet, L.-J. (2002), *Le Marché aux Langues – Essai de politologie linguistique sur la mondialisation*, Paris, Plon.

Ferreira, T. (2016), *Ensino diferenciado: uma reflexão sobre práticas de diferenciação curricular*, dissertação de mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Flores, C. (2011), *Múltiplos Olhares sobre o Bilinguismo. Transversalidades II*. Edição do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. Edições Húmus.

*Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*. Conselho da Europa. Edições Asa. 2001. Disponível em: [http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro\\_Europeu\\_total.pdf](http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf) (consultado a 30 de junho 2018).

Rocha-Trindade, M. B. (2015), *Das Migrações às Interculturalidades*, Lisboa, Edições Afrontamento.

Ventura, A., “Aproximação às dificuldades linguísticas das crianças e jovens luso-venezuelanos da Madeira”, *Encontro Mobilidades no Espaço e no Tempo*, Centro de Estudos de História do Atlântico, novembro de 2017 (no prelo).